

PERFIL LEITOR DE ALUNOS INGRESSANTES: QUATRO UNIVERSIDADES EM ANÁLISE

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto¹

Yngrid Karolline Mendonça Costa²

Renata Junqueira de Souza³

A pesquisa surge a partir dos resultados obtidos em pesquisa anterior financiada pela FAPESP e FMCSV, em edital especial de 2011-2014, intitulada “Literatura e Primeira Infância: dois municípios em cena e o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) na formação de crianças leitoras.”. Nesta pesquisa, o questionário para os professores, evidenciou a falta de leitura de livros de literatura infantil e o desconhecimento de programas que ofertam livros para serem utilizados com as crianças, como o PNBE. Isto mostrava que um dos problemas poderia estar relacionado com a formação inicial. Neste contexto, esta pesquisa surgiu e foi aprovada pelo PROCAD/MEC. Somos quatro pólos (UNESP – Marília e Presidente Prudente; UPF e UFES) e dois cursos, Letras e Pedagogia. Nosso objeto de estudo baseia-se em um questionário aplicado para os alunos ingressantes em 2014, buscando a bagagem literária que chegam, compreendendo se a formação durante a faculdade acrescenta leituras literárias e conceitos sobre o que é leitura para os alunos.

Estamos no momento de análise dos dados obtidos em questionários já aplicados, porém na tabulação foi possível perceber que os alunos não conceituam a leitura, o gênero literário não tem o maior índice de preferência e na maioria, os livros que aparecem são religiosos ou de autoajuda. Os estudiosos da leitura como Smith (1989); Jolibert (1994); Foucambert (1994); (1997); Bajard (2007); mostram-nos que ler é compreender, e não só isso, mas questionar, desconfiar, discutir; sobretudo, essa compreensão só é possível se o leitor entende que ao ler mobilizamos em nós várias estratégias de leitura (GIROTO; SOUZA, 2010), mesmo que inconscientemente e essa ocorrência não se dá só em textos acadêmicos, então, ao pensar na formação de leitores, devemos pensar em mediações e espaços promotores de leitura, sendo o professor, o parceiro mais experiente que orienta quanto às ações e modos de ser leitor (FOUCAMBERT, 2008). Desse modo, esta pesquisa busca entender como está a formação dos alunos na Universidade, que implicará na prática docente básica, de modo a repensar práticas e ações para colaborar de modo efetivo na formação de leitores.

Contextualizando a pesquisa

O tema “formação docente” ou “formação de professores” nunca esteve fora da ordem do dia, no Brasil; mas, nos últimos anos, especialmente após a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), o tema tem angariado muitos estudos e motivado intensos debates (DALVI, 2011). Porém, ainda conforme a autora, os estudos e debates surgidos na esteira da nova LDBEN ou como consequência das atividades dos centros de pesquisa brasileiros não são consoantes entre si – embora indiquem, em sua maioria, a necessidade de se repensarem os rumos da formação docente (cursos de licenciatura e de pós-graduação) (GATTI, 2000), não apenas daqueles que atuarão nas séries iniciais, mas também dos que atuarão nos anos subsequentes do ensino fundamental e médio, e no ensino superior.

¹ Professora Doutora na UNESP, FFC, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: cyntia@unesp.marilia.br.

² Mestranda na UNESP, FFC, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: yngridkarolline@hotmail.com.

³ Professora Doutora na UNESP, FCT, Presidente Prudente, São Paulo. E-mail: recellij@gmail.com.

Como parte deste debate, trazemos à baila a questão da formação inicial do professor de língua e literaturas – especificamente daquele profissional licenciado em Letras e do profissional licenciado em Pedagogia – e a questão da formação continuada desses profissionais nos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Educação e em Letras, para os quais esses professores em geral se dirigem, na busca pela continuidade de seus estudos. Obviamente, não porque a preocupação com a leitura seja exclusivamente tarefa do professor de língua e literaturas (dos anos iniciais ao ensino superior), mas porque tais professores são parte inequívoca do processo:

(...) os licenciandos [e os pós-graduandos] de hoje, às voltas com suas próprias dificuldades, terão em breve a responsabilidade de fazer com que crianças e jovens usem a leitura e a escrita dentro e fora da escola para fins sociais de comunicação, expressão pessoal, busca e registro de informações e ainda para a fruição da literatura como experiência estética (CARVALHO, 2001, p. 8).

Marlene Carvalho defende, pois, que são necessárias mudanças na formação de todos os professores que atuarão na educação básica, visando a um domínio mais amplo da língua escrita, tanto em termos de produção, quanto em termos de recepção de textos complexos, uma vez que “a questão dos usos da língua não compete apenas aos que vão ensinar português.”(CARVALHO, 2001, p. 8). Também é o que afirma Sabine Vanhulle (2000): a autora propõe mudanças na formação de professores de língua materna a partir da participação conjunta das faculdades de Educação e de Letras – tal como propomos com este projeto Procad –, uma vez que tais professores têm um papel preponderante no desenvolvimento do exercício pleno da leitura e da produção linguística oral e/ou escrita por parte dos estudantes alvo do que, no Brasil, denominamos como “educação básica”. Desta feita, este projeto se debruça sobre a questão da leitura na formação docente, seja nas licenciaturas em Letras e Pedagogia, seja nos PPG’s de Educação e de Letras.

A leitura é, sabidamente, de difícil conceituação – cada perspectiva teórico-metodológica e cada *parti pris* epistemológico permite diferentes delineamentos. No entanto, é aparentemente consensual que se trata de um dos processos ou práticas criados e disseminados pelo homem, a partir da linguagem verbal e dos meios e condições materiais para sua organização, que pode levar à produção, à sistematização e à disseminação de conhecimentos profundos e variados das culturas, histórias e sociedades humanas, em seus múltiplos contextos, confirmando ou rasurando e ampliando perspectivas existenciais e perspectivas de compreensão, interação e ação no mundo.

Assim, a prática efetiva da leitura possibilitaria às pessoas uma participação cultural, histórica, política e social também mais efetiva, capaz de franquear o estabelecimento de relações de resistência e de confronto, o que nos remete a Silva (1997) quando afirma que dominar o que os dominantes dominam – uma das possibilidades facultadas pela democratização da leitura – é condição de libertação: embora consideremos que toda libertação é sempre provisória, efêmera e abre novas frentes de tensionamento e, portanto, de luta.

Dentro desse aspecto, é importante destacar que a leitura atualiza a língua em diferentes contextos de produção e recepção, os quais trazem consigo a precariedade do singular, do irrepetível, do insolúvel – na situação própria da interlocução –, demonstrando, segundo Geraldini (1999, p. 7), sua vocação para a transformação e para a mudança em busca de benefícios coletivos, onde o sujeito constitui-se no fluxo do movimento territorial: “Lugar de passagem e na passagem, a interação do homem com os outros homens, no desafio de construir compreensões do mundo vivido”. Nessa perspectiva, para Bakhtin (1999) não há, pois, um terreno estável de constituição, um sujeito pronto e acabado que se apropria durante a efetivação

dos seus atos de leitura, de uma língua também pronta e acabada. Ler constitui, nesse sentido, um espaço ampliado de formação e interlocução que se dá em tempos e modos diversos.

Leitura sem compreensão e sem recriação de sentidos é “pseudoleitura”. Goulemot (2001, p. 108) é categórico ao afirmar que: “a leitura é sempre produção de sentido”. Ler, continua o autor, “é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências”. Acompanhando o raciocínio proposto por Goulemot, conclui-se que a leitura não pode ser entendida como um processo reduzido apenas a um leitor que encontra, no texto, o sentido construído pelo autor deste. Nesse caso, analisar o leitor faz-se bastante pertinente, uma vez que ele é quem “constitui e não reconstitui um sentido”, sendo peça fundamental no processo de troca e aprovação/desconstrução/proposição que é a leitura.

Dessa forma, conhecer a leitura na formação docente – os espaços, as materialidades, os contextos e realidades na pós-graduação e na graduação (em particular nos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia) em que ela se efetiva –, é um dos pontos fundamentais para o fortalecimento da cultura no espaço acadêmico, tanto universitário, quanto escolar; afinal, não se pode negar que a leitura torna-se de vital importância no processo educativo que acontece na sociedade, na sala de aula, seja na escola ou na universidade.

Assim, o argumento central para a realização de um projeto como este que ora se apresenta concentra-se na necessidade de se ter conhecimentos mais alicerçados de como se processa a leitura na formação dos pós-graduandos e licenciandos da área da Educação e da Letras, afinal, eles exercem função importante porque formam e porque são ou foram professores do Ensino Fundamental e Médio; diante disso, o ato de ler exerce grande influência na formação desses profissionais.

Conclusões parciais

A leitura na formação docente, seja para a atuação na educação básica ou no ensino superior, deve privilegiar a constituição de leitores ativos, críticos, exigentes e propositivos, com sólida vivência leitora própria e com sólida formação teórico-metodológica para o trabalho com a leitura nas salas de aula. Para isso é necessário, primeiramente, conhecer práticas, representações e apropriações de leitura nas instituições em que os professores se formam; e, em seguida, problematizar, reinventar e transformar essas práticas, representações e apropriações, visando a ações e intervenções a médio prazo que surtam efeito em todos os níveis da educação nacional.

Assim, com base nos estudos da História Cultural (CHARTIER, 1998), os quais abordam as práticas de leitura e de escrita circunscritas pelos valores e gestos que representam os modos de ler específicos de cada comunidade, é possível perceber que a leitura é uma atividade complexa e plural, que se desenvolve em várias direções teórico-práticas que se confrontam ou se encontram em determinados pontos. Na compreensão dessas direções teóricas de como se dá o movimento de estabilidades e instabilidades do ato da leitura, Bakhtin (1999) afirma que o sujeito da linguagem só produz sentido quando interage com outros sujeitos, elegendo, portanto, como lugar de encontro e de confronto, o terreno instável e precário do evento discursivo. Diante disso, é possível afirmar que a leitura no ensino superior deve firmar suas bases em busca de um leitor maduro, que produza ideias e discussões através de posicionamentos que levem ao evento discursivo; porém, para que isso ocorra, é fundamental ter conhecimento, e verificar o que, como, para que e onde leem os alunos de pós-graduação e de graduação hoje.

Referências

- BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007. (Col. Questões da nossa época, v. 133).
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARTHES, R.; COMPAGNON, A. “Leitura”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.
- CARVALHO, M. A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. **Teias: Revista da Faculdade de Educação da Uerj**, n. 5 (junho de 2002). Rio de Janeiro: Uerj, Faculdade de Educação, 2001, p. 7-20.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. v. 1. São Paulo: Ática, 1998.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- DALVI, M. A. O perfil do professor que ingressa e que se forma no curso de Letras-Português da Universidade Federal do Espírito Santo. **Signum: Estudos de Linguagem**, v. 14, p. 173-193, 2011.
- EGITO, R. **Obrigação ou prazer: o mundo da leitura dos alunos do curso de Letras-Português da Ufes**. Dissertação de Mestrado (Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 174 p.
- FOUCAMBERT, JEAN. **Modos de ser leitor: Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**. Tradução de Lucia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- GATTI, B. A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- GERALDI, J. W. **A linguagem nos processos sociais de constituições da subjetividade**. 1999 (mimeo).
- GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do ato de ler**. (Trad. Daise Batista). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.